

DONZELA-GUERREIRA? IMAGINÁRIO LITERÁRIO BRASILEIRO SOBRE BALTASAR DO COUTO CARDOSO/MARIA ÚRSULA DE ABREU E LENCASTRO

Helder Thiago Maia¹

Resumo: Após breve apresentação dos estudos literários em torno das donzelas-guerreiras, e sobre o lugar ocupado por Baltasar do Couto Cardoso/Maria Úrsula de Abreu e Lencastro (1682-1730) dentro dessa perspectiva crítica, examinamos textos históricos e literários brasileiros que narram a vida dessa personagem. Estamos interessados em perceber as repetições e as rupturas entre o discurso histórico e o literário, mas também em observar como é narrado o trânsito de gênero de Baltasar/Maria Úrsula. Foram analisados dezenove textos históricos, além do romance *A Senhora de Pangim* (1932), de Barroso, e dos quadrinhos *A Senhora de Pangim* (1956), de Monteiro e Barroso.

Palavras-chave: Donzelas-guerreiras; Baltasar do Couto Cardoso; Maria Úrsula de Abreu e Lencastro.

Abstract: After a brief presentation on literary studies around the warrior maidens, and the place occupied by Baltasar do Couto Cardoso/Maria Úrsula de Abreu e Lencastro (1682-1730) within this critical perspective, we examine Brazilian historical and literary texts that narrate the life of this character. We are interested in perceiving the repetitions and ruptures between historical and literary discourse, and observing how Baltasar/Maria Úrsula's gender transit is narrated. Nineteen historical texts were analyzed, in addition to the novel *A Senhora de Pangim* (1932), by Barroso, and the comic book *A Senhora de Pangim* (1956), by Monteiro and Barroso.

Keywords: Warrior Maidens; Baltasar do Couto Cardoso; Maria Ursula de Abreu and Lencastro.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

¹ Doutor em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. Investigador no Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras, na Universidade de Lisboa. heldermaia@edu.ulisboa.pt

A donzela-guerreira é um paradigma literário que tem servido como base, padrão e modelo tanto para a criação quanto para a crítica literária. De forma geral, podemos resumir-lo a duas características fundamentais: o trânsito de gênero e a ida à guerra. Assim sendo, temos uma personagem que é definida em seu nascimento como uma mulher, que passa a viver e ser reconhecido como homem, que vai à guerra, onde luta e é estimado pela sua bravura como soldado. Essas duas características produzem um enredo bastante específico, o que tem permitido não só que a personagem faça constantes reaparições na literatura, mas que também seja facilmente reconhecível pela crítica literária. Nesse sentido, estamos falando, por exemplo, da balada chinesa *Mulan*, do século VII, do romance ibérico *Da donzela que vai à guerra*, do século XII, e de novelas, poemas e textos dramáticos que vêm sendo publicadas na Europa e nas Américas, desde o século XV.

Outras características que aparecem com relativa frequência, mas que podem sofrer variações, são: a vida e o reconhecimento social como homem geralmente é longo; há a utilização de nomes masculinos para a nova identidade; as outras personagens em geral desconhecem o trânsito de gênero; a descoberta do trânsito de gênero é um ponto importante da narrativa; a personagem é reconhecida pela bravura e ascende militarmente; sexualmente é virgem ou assexuado, o que serve para tranquilizar o leitor de que a “transgressão” de gênero não implica uma transgressão sexual; na guerra é ferido ou se envolve afetivamente com algum soldado, o que leva à “descoberta” o trânsito; após o fim da guerra alguns passam a viver como mulheres, enquanto outros seguem vivendo como homens.

Apesar dessas características serem bastante específicas, há, no entanto, um uso bastante exagerado deste paradigma por parte da crítica literária brasileira, que muitas vezes tem entendido o “trânsito de gênero” e o “ir à guerra” como elementos metafóricos. Ao contrário dessa perspectiva, seguindo a Valdeci Oliveira (2005, p. 143), acreditamos que as donzelas-guerreiras devem ser distinguidas de outras personagens, que também rompem normatividades de gênero e/ou sexualidade, sob o risco de perdermos a potência que as donzelas-guerreiras possuem de borrar e ultrapassar as normatividades de gênero. Nesse sentido, o uso alargado do conceito tem homogeneizado a leitura dessas personagens, que passam a ser compreendidas exclusivamente como mulheres cisgêneras, ao mesmo tempo que tem considerado o trânsito de gênero como algo menor, incompleto e/ou patológico².

2 Para uma leitura mais específica sobre como a crítica literária brasileira tem desconsiderado o trânsito de gênero, apelando inclusive para uma perspectiva patologizante das donzelas-guerreiras, consultar Maia (2018).

Quando analisamos, a ampla e exagerada constelação literária do que a crítica brasileira tem entendido e definido como donzela-guerreira, podemos perceber que há pelo menos quatro expressões de gênero vividas pelas personagens que são significativamente distintas. Assim, podemos dizer que há as “mulheres masculinas”, personagens que não foram à guerra e nem viveram como homens, como *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio; há as “mulheres guerreiras”, personagens que não viveram como homens, mas foram à guerra, como as narrativas em torno de Anita Garibaldi; há as “donzelas-guerreiras”, personagens que foram à guerra e que viveram como homens unicamente durante a guerra, como no romanceiro ibérico; e há as “transgeneridades guerreiras”, personagens que foram à guerra e que viveram sempre que possível como homens, como *Diadorim* (ROSA, 1956).

Nesse sentido, o trânsito de gênero não é uma característica nem das “mulheres masculinas” nem das “mulheres guerreiras”, enquanto para as “donzelas-guerreiras” é uma prática circunstancial e relativa à guerra, e para as “transgeneridades guerreiras” parece revelar mais uma compreensão de si do que algo provisório, uma vez que é vivido e experimentado sempre que possível, desejado e para além da guerra. Essa proposta de leitura repartida em quatro personagens paradigmáticas considera, portanto, que o trânsito de gênero é um dispositivo de leitura que visa não só pensar as diferenças dentro do que se tem entendido tradicionalmente como donzelas-guerreiras, mas principalmente analisar as diferenças dentro de cada uma dessas expressões de gênero.

Isto posto, é parte dos interesses deste artigo examinar, a partir da perspectiva crítica das donzelas-guerreiras, assim como das quatro expressões de gênero elencadas anteriormente, narrativas históricas e literárias em torno de Baltasar do Couto Cardoso/Maria Úrsula de Abreu e Lencastro. Nesse sentido, pretendemos não só repensar o paradigma das donzelas-guerreiras a partir desta personagem, como também pretendemos preencher um vazio da crítica literária, uma vez que Baltasar/Maria Úrsula tem sido apontado pela crítica como uma “donzela-guerreira perfeita” (GALVÃO, 1998, p. 84), mas os seus textos literários e históricos têm sido efetivamente pouco lidos e comentados.

Estamos interessados também em analisar o imaginário histórico e literário brasileiro sobre a personagem, assim como as repetições e as rupturas entre esses discursos. Para isto, foram observados setenta e nove relatos históricos e jornalísticos, publicados entre 1822 e 1955, o que corresponde ao primeiro texto brasileiro encontrado sobre a personagem (PIZARRO E ARAUJO, 1822) e ao último relato histórico antes da publicação do mais recente

texto literário sobre a personagem (MEIRELES, 1955). No entanto, devido às restrições ao tamanho deste artigo, abordaremos diretamente a apenas dezenove desses textos, uma vez que os outros sessenta pouco acrescentam à leitura proposta aqui sobre a personagem. Além disso, analisamos também as únicas duas obras literárias brasileiras que abordam a personagem, o romance *A Senhora de Pangim* (1932), de Gustavo Barroso, e a revista em quadrinhos *A Senhora de Pangim* (1956), de Gutenberg Monteiro e Gustavo Barroso.

Por fim, é preciso dizer que Baltasar do Couto Cardoso/Maria Úrsula de Abreu e Lencastro foi uma pessoa de existência factual, que no seu nascimento, em 1682, no Rio de Janeiro, recebeu o nome de Maria Úrsula de Abreu e Lencastro, e que aos dezoito anos, em 1º de setembro de 1700, assentou praça em Lisboa como o soldado Baltasar do Couto Cardoso, tendo servido no exército colonial português, em Portugal e na Índia Portuguesa, por quase quatorze anos. Pelo seu excelente desempenho militar, primeiro como soldado e depois como cabo, recebeu, como Maria Úrsula, o reconhecimento do Império português através de uma pensão e da mercê do Paço de Pangim por seis anos. Algumas fontes históricas afirmam ainda que morreu provavelmente em 1730, casada com Afonso Teixeira Arrais de Melo, sem nunca ter abandonado os trajas masculinos e a espada.

1 Imaginário Histórico sobre Baltasar/Maria Úrsula

As fontes históricas sobre Baltasar/Maria Úrsula, especialmente aquelas utilizadas pelo romance *A Senhora de Pangim* (1932), já foram alvo de grande controvérsia pública entre o escritor português Alfredo Pimenta (1942) e o escritor brasileiro Gustavo Barroso (1932, 1949)³. No entanto, de forma geral, podemos dizer que os relatos históricos portugueses sobre a personagem, cuja primeira referência encontrada é a notícia do jornal português *Gazeta de Lisboa* de 24 de março de 1718, não se preocupam em explicar as motivações de Baltasar/Maria Úrsula nem para o trânsito de gênero nem para a ida à guerra. Além disso, com exceção do texto de Damião de Froes Perim (1740), não falam sobre um possível casamento da personagem, assim como também não narram sobre como viveu depois de dar baixa como soldado.

Ao contrário dos relatos portugueses, as fontes históricas brasileiras, cuja primeira referência é o texto do monsenhor Jozé de Souza Azevedo Pizarro e Araujo de 1822, de forma geral, procuram explicar as motivações da personagem para o trânsito de gênero e para a ida à guerra, assim como também

3 Sobre isto consultar Costa (2016) e Maia (2022).

afirmam o casamento com Arrais de Melo e descrevem como a personagem viveu após dar baixa como soldado. Nessa perspectiva, na narração da vida após deixar o serviço militar, há uma preocupação recorrente em afirmar que Baltasar/Maria Úrsula teria morrido cercado de glória e gozando de grande fama entre seus contemporâneos, o que serve principalmente à reafirmação da heroicidade não só da personagem, mas também das “brasileiras” em geral. Ademais, podemos dizer também que a afirmação do casamento é sempre uma forma de reafirmar a mulheridade da personagem, ao mesmo tempo em que se nega o trânsito de gênero, entendido sempre como um “disfarce”.

Por fim, antes de entrarmos em uma análise detalhada dos relatos históricos brasileiros, podemos dizer que há na historiografia três formas de explicar as motivações da personagem para o trânsito de gênero e para a ida à guerra. A primeira, de caráter mais subjetivo, inaugurada em 1841, por Joaquim Norberto Souza Silva, explica as motivações a partir da “índole extremamente belicosa”, do “ardente desejo de assinalar-se nos campos da guerra” e do “coração varonil” da personagem (SOUZA SILVA, 1841, p. 226); a segunda, de caráter mais melodramático, inaugurada em 1876, por Joaquim Manoel de Macedo, explica as motivações a partir de um “ardente amor contrariado” (MACEDO, 1876, p. 1); a última, de perspectiva mais patologizante, inaugurada em 1899, por Ignez Sabino, narra as motivações a partir de uma “vocação” infantil, entendida como abjeta e doentia, e de um “desejo ardente de servir à pátria” (SABINO, 1899, p. 89).

Como dissemos, a primeira referência histórica brasileira aparece em Pizarro e Araujo (1822) quase cem anos após a data provável da morte de Baltasar/Maria Úrsula. Neste relato, a personagem é narrada como uma “mulher guerreira”, e o trânsito de gênero é entendido como imitação de “procedimentos famosos” utilizados por mulheres portuguesas. O texto reafirma, portanto, o valor militar dos brasileiros, incluindo como exceção algumas mulheres, como Baltasar/Maria Úrsula e D. Maria de Souza. No entanto, como uma forma de não sugerir essa “transgressão” às suas leitoras, faz questão de afirmar que as mulheres brasileiras também se distinguem por suas virtudes cristãs. O relato não dá informações sobre um possível casamento, ou sobre como viveu após dar baixa do serviço militar colonial.

Dezenove anos depois, aparece o primeiro relato a tentar explicar as motivações de Baltasar/Maria Úrsula, o texto de Souza Silva, publicado em 1841, na revista do Instituto Geográfico Brasileiro. Como no texto anterior, Baltasar/Maria Úrsula está acompanhada de outra importante “mulher guerreira”, D. Rosa Maria de Siqueira. Assim, ao mesmo tempo em que questiona o silêncio da historiografia brasileira sobre essas importantes

“guerreiras brasileiras”, o autor reafirma Baltasar/Maria Úrsula como parte do “bello sexo brasileiro”, atribuindo, portanto, pouco valor ao trânsito de gênero. Nesse mesmo sentido, Souza Silva (1841) não só diz que a personagem morreu coberta de bençãos e rodeada de homenagens, como também afirma que seguiu usando trajes varonis e espada ainda após dar baixa como soldado e se casar. No entanto, mesmo que essa informação nos permita uma leitura contra o próprio autor, é preciso dizer que a manutenção dos trajes de soldado é reduzida no texto a uma espécie de vaidade, um testemunho dos grandes feitos da personagem. Por fim, como vimos, o autor explica as motivações para a vida como uma “mulher guerreira” a partir da índole belicosa, do desejo de glória e do coração varonil da personagem.

Em 1845, o jornal fluminense *Ostensor Brasileiro* publica dois textos sobre Baltasar/Maria Úrsula. O primeiro, na edição 4, na coluna *Fastos Brasileiros*, sem identificação de autoria, apesar das atualizações ortográficas, é idêntico ao texto de *Gazeta de Lisboa* (1718). Ademais, o mesmo texto é republicado em 1872, na edição 01, do jornal fluminense *A Luz*. O segundo relato, publicado na edição 49, assinado por Souza Silva, é idêntico ao texto publicado na revista do IHGB em 1841. Além disso, o mesmo texto também é republicado, em 1854, na edição 22, do jornal capixaba *Correio da Victoria*.

Dezoito anos depois de seu primeiro relato, Souza Silva publica, em *Revista Popular* (1859), “novo” texto sobre a personagem. No entanto, ao contrário do primeiro, onde a história de Baltasar/Maria Úrsula estava acompanhada da história de D. Rosa Maria de Siqueira, nesta nova publicação Baltasar/Maria Úrsula é narrado juntamente com Dona Clara Camarão. O relato, no entanto, é praticamente o mesmo, uma vez que as principais mudanças são o apagamento do primeiro parágrafo, onde o autor falava das heroínas esquecidas pela história, e do último, onde estava indicada as fontes bibliográficas. Este mesmo texto é republicado no livro *Brasileiras Célebres* em 1862, onde aparecem narrativas individuais de outras “mulheres guerreiras”, como as mulheres de Tejucupapo, Dona Clara Camarão, Dona Maria de Sousa e Dona Rosa de Siqueira. Por fim, em 1883, na edição 77, do jornal *O Apostolo*, sem indicação de autoria, é republicado, com pequenas alterações, sob o título *Heroínas Brasileiras*, o texto de Souza Silva (1859).

Trinta e cinco anos depois da primeira publicação de Souza Silva, inaugurando um novo gênero no imaginário histórico sobre Baltasar/Maria Úrsula, Macedo (1876) inclui a personagem em um livro de efemérides de personalidades brasileiras e propõe uma nova explicação para o trânsito de gênero e para a vida como soldado. É importante dizer que a data escolhida para contar a história de Baltasar/Maria Úrsula não é o dia de seu

nascimento, nem de sua provável morte, nem da vitória sobre a fortaleza de Amboná, nem da entrega da mercê do Paço de Pangim, ao contrário, 1º de setembro é a data em que a personagem assenta praça em Lisboa e passa a ser oficialmente reconhecida como homem e soldado pelo Império português. No entanto, contra a própria simbologia da data, Macedo insiste na afirmação da mulheridade da personagem, apesar de outras dissonâncias no texto, como “A heroína Balthazar do Couto Cardoso foi militar na Índia” (MACEDO, 1876, p. 2), o que possibilitar uma leitura sobre o gênero e o trânsito de gênero da personagem contra o próprio autor.

Macedo, como nenhum outro texto antes, investe na normatização e normalização do sexo-gênero da personagem, e não só diz que foi um erro a vida de Baltasar/Maria Úrsula como soldado e que sua atitude como filha foi repreensível, como também sugere o “retorno” à feminilidade, após dar baixa como soldado, como o cumprimento da “missão doce e grandiosa de seu sexo”. Nesse mesmo sentido, o autor não só entende o trânsito de gênero como uma impossibilidade, um “disfarce”, como também afirma que Baltasar/Maria Úrsula nunca conseguiu “dissimular o seu sexo” (feminino) para o futuro esposo, o “vallente oficial” Arrais de Melo. Ademais, Macedo não só explica as motivações da personagem para a vida como homem e soldado a partir da ideia de um amor contrariado, como também explica o “retorno” à vida como mulher a partir da ideia de um amor bem resolvido. Nesse sentido, de forma melodramática, romântica e cisheteronormativa, a personagem é sempre explicada e reduzida não só às emoções, como também ao amor romântico e à dependência amorosa masculina. Da mesma forma, a manutenção de trajes varonis após o casamento não passaria de uma “ vaidade” feminina, o que seria perdoável devido a glória conseguida pela “guerreira”.

Esse mesmo texto foi republicado, sem alterações e sem autoria, em 1º de setembro de 1877, na edição 131, do jornal soteropolitano *Correio da Bahia*, e em 3 de fevereiro de 1935, sob o título *Uma Heroína Brasileira*, na edição 4697, do fluminense *O Jornal*. Ademais, uma versão reduzida e sem autoria, foi publicada em 9 de maio de 1879, na edição 104, do jornal fluminense *Monitor Campista*, e em 07 de agosto de 1879, na edição 54, do jornal soteropolitano *O Monitor*, o que faz de Macedo, portanto, outro grande intérprete e divulgador, ao lado de Souza Silva, da história de Baltasar/Maria Úrsula. Nesse sentido, podemos dizer que a leitura de Souza Silva (1841) predomina na primeira metade do século XIX, enquanto a de Macedo (1876) predomina na segunda metade.

Em 1899, a poetisa e romancista baiana Ignez Sabino publica, junto a outras quarenta mulheres brasileiras ilustres esquecidas pela história, nova

interpretação sobre Baltasar/Maria Úrsula. De acordo com Sabino, o livro é um estudo da psicologia feminina, que deve ser entendido como “uma Bíblia de instrução moral e cívica” (SABINO, 1899, p. IX). Essas afirmações do prefácio não passam despercebidas no capítulo Maria Úrsula de Alencastro, uma vez que há tanto uma reafirmação violenta da mulheridade de Baltasar/Maria Úrsula, como também há uma leitura patologizante sobre o trânsito de gênero, que é entendido como “verdadeira aberração da natureza” (SABINO, 1899, p. 89), e sobre a personagem, que é entendida como uma pessoa “doente”, que precisaria ser estudada e curada pela ciência (SABINO, 1899, p. 92). Ainda de acordo com Sabino (1899, p. 89), Deus teria dado maior beleza às mulheres para que elas pudessem melhor governar os homens, por isso seriam também mais mimosas e mais fracas. Maria Úrsula, no entanto, apesar de “excessivamente formosa” teria desprezado esses dotes divinos, e “inflammada pelo desejo ardente de servir a pátria”, mas também por uma “vocação”, teria negado tanto a Deus como a sua “natureza” feminina, e passado a viver como homem e soldado.

Sabino (1899), portanto, inova não só ao afirmar o desejo de servir à pátria como motivação para a vida como homem e soldado, mas principalmente por também procurar na infância de Baltasar/Maria Úrsula as motivações para o trânsito de gênero e para a ida à guerra. Nesse sentido, para explicar o que entende por “vocação”, a autora baiana fantasia e narra uma infância para Baltasar/Maria Úrsula, onde este não só se afasta e transgride as normatividades do sexo feminino, como também afirma não ser uma mulher, mas um soldado. A autora aponta, então, que o trânsito de gênero não só era desejado, mas também era vivido desde a infância. No entanto, para tranquilizar os leitores de que a transgressão de gênero não implicava uma devassidão sexual, descreve a vida adulta da personagem sob “severíssima” moralidade (SABINO, 1899, p. 90). Por fim, destaca ainda que a “vocação” foi derrotada pela “natureza”. Assim, teria havido uma “grande methamorphose”, que a levou a abandonar a vida militar, a compreender a “verdadeira missão da mulher na sociedade” e a casar com o “tenente” Arrais de Melo. Além disso, a personagem teria morrido cercada de reconhecimento, mas sem nunca mais ter trajado roupas masculinas ou empunhado uma espada.

Essa interpretação patologizante de Sabino (1899) sobre Baltasar/Maria Úrsula não reverbera em outras leituras históricas, ao menos não nos textos históricos publicados até 1955. No entanto, pelo menos duas outras publicações recorreram à infância da personagem como forma de explicar as motivações para a vida como homem e soldado, ao mesmo tempo em que também reafirmam a mulheridade e entendem o trânsito de gênero como “disfarce”. Nesse sentido, podemos falar da efeméride *Uma mulher-soldado*,

publicada sem autoria, em 8 de março de 1917, no jornal fluminense *O Paiz*, e republicada em 8 de março de 1928, no jornal pernambucano *Jornal do Recife*.

Por fim, em 1º de maio de 1955, Cecília Meireles publica, no fluminense *Diário de Notícias*, a crônica *Caminho de Goa*, republicada em 23 de julho de 1955, no gaúcho *Correio do Povo*. Nestas, sem propor qualquer explicação para o trânsito de gênero e para a ida à guerra, Meireles, reafirma a mulheridade da personagem, e reduz toda a complexa experiência da vida de Baltasar/Maria Úrsula como homem e soldado à ideia de que esta viveu “vestida de homem”. A grande novidade do texto é o paralelo que a poeta estabelece entre a vida de Baltasar/Maria Úrsula e o romance ibérico *A donzela que foi à guerra*. Nesse sentido, Meireles é, provavelmente, a primeira a ler a personagem a partir da tradição da crítica literária portuguesa e brasileira sobre as donzelas-guerreiras. No entanto, assim como os outros textos críticos, não só reafirma a mulheridade dessas personagens, como também mais sugere a leitura de Baltasar/Maria Úrsula do que faz realmente um exercício analítico a partir dessa perspectiva.

2 O romance *A Senhora de Pangim*

O romance *A Senhora de Pangim*, de Gustavo Barroso, possui pelo menos duas edições. A primeira, de 1932, publicada pela editora carioca Guanabara, está direcionada ao público brasileiro, enquanto a segunda, de 1940, publicada pela editora colonial portuguesa da Agência Geral das Colônias, está direcionada ao público português. Na edição brasileira, não há prefácio, mas há no final do romance o capítulo *Nota*, onde o autor aponta as suas fontes históricas, além de afirmar que se trata de romance e não de biografia. Assim, podemos dizer que desde a primeira edição o autor tentou se defender das críticas sobre possíveis inexatidões históricas. Na edição portuguesa, aquilo que é *Nota* na 1ª edição é transformado em *Prefácio* na 2ª edição. No entanto, esse texto ganha o acréscimo de três parágrafos, os dois primeiros e o último. No parágrafo final, Barroso afirma ter tido acesso a documentos portugueses sobre Baltasar/Maria Úrsula, mas que reservaria esses documentos para um estudo “não mais literário e sim absolutamente histórico” (BARROSO, 1940, p. 9)⁴. Nos dois primeiros, Barroso parece justificar a edição portuguesa do livro. Nesse sentido, não só afirma que o romance abrange o “Mundo Português”, como também diz

4 Apesar de publicar pelo menos três outros relatos não literários sobre Baltasar/Maria Úrsula (1942, 1948 e 1958), podemos dizer que o estudo “absolutamente histórico” se refere à publicação de 1949. Uma análise de todos os textos de Barroso pode ser encontrada em Maia (2022).

que as personagens viveram nesses espaços onde “Portugal encheu com sua glória”. Assim, Baltasar/Maria Úrsula seria não só um “símbolo desse Mundo Português”, como também seria uma “figura única e tão fora do comum que parece lendária” (BARROSO, 1940, p. 7).

Apesar de ser um romance histórico, a narrativa, obviamente, não tem um compromisso absoluto, como acredita e exige o crítico português Pimenta (1942), em seu pacto ficcional, com a verdade histórica, o que permite ao autor preencher, ao longo de seus quatorze capítulos, com maior liberdade, as lacunas históricas sobre a vida de Baltasar/Maria Úrsula. De forma geral, podemos dizer que a obra de Barroso (1932) está mais próxima dos relatos de Macedo (1876) e do Barão de Rio Branco (1891), no que se refere às motivações para o trânsito de gênero e para a vida como soldado, do que dos textos de Teixeira de Mello (1881) e de Souza Silva (1862), indicados pelo autor⁵. Nesse sentido, podemos dizer que prevalece a versão de um amor contrariado como motivação para a vida como homem e soldado. No entanto, não há um julgamento moral sobre as escolhas da personagem, como faz Macedo (1876), ao contrário, Barroso prefere destacar o modo irrepreensível de Baltasar/Maria Úrsula como homem e soldado, como faz Teixeira de Mello (1881, p. 112), a afirmar a vida do soldado Baltasar como erro ou a atitude da filha Maria Úrsula como repreensível, como faz Macedo (1876, p. 1).

No que se refere ao trânsito de gênero, a primeira coisa a se dizer é que o leitor não sabe que Baltasar viveu anteriormente como Maria Úrsula, uma vez que o romance começa com a personagem deixando o Brasil como pajem. No entanto, ainda que o trânsito de gênero da personagem só seja forçosamente “confessado” nos quatro capítulos finais do romance, o texto recorrentemente sugere, principalmente através do canto da personagem, desde o primeiro capítulo, que há algo de feminino em Baltasar. Nesse sentido, por exemplo, quando canta, o “rapazelho desconhecido”, não só mostra uma feminilidade que tensiona as masculinidades dos outros soldados, como também denuncia que ali há algo de mágoa amorosa, como podemos ver abaixo:

Um silêncio profundo pesou sobre a baía imensa enrolada no lençol negro da noite [...] E uma voz vibrou, acompanhada de trinos de guitarra, na quietude nocturna do galeão, dolentemente, de saudade e de amor. Era o novo pagem que cantava. Havia qualquer coisa de feminino na sua voz clara e triste. Qualquer coisa de feminino e de magoado (BARROSO, 1940, p. 16).

⁵ Em Nota ao final do romance, Barroso (1932, p. 205-206) indica, como fontes bibliográficas para o seu romance, as efemérides de Teixeira de Mello (1881) e de Rio Branco (1891), além do relato de Souza Silva (1862).

Ademais, é preciso dizer que a publicização do trânsito de gênero da personagem não é vivida uma única vez, ao contrário, por três vezes Baltasar foi levado a “confessar” ou se tentou “confessar” por ele. Na primeira dessas cenas, ainda no terceiro capítulo, o capitão Nuno de Mascarenhas, à beira da morte, na travessia entre o Brasil e Portugal, não só reforça o pedido para que o guardião Vasco de Brito cuide do seu pajem, mas também tenta contar ao guardião “o grave segredo” de Baltasar. No entanto, para alegria do pajem, o capitão morre enquanto tenta contar a história (BARROSO, 1940, p. 34). A morte do capitão, portanto, assegura o silêncio e permite que Baltasar viva em Portugal e na Índia como homem e soldado.

Esse segredo também tece as relações entre Baltasar e Manuela, amiga e antiga paixão de Vasco, que acompanha o soldado à Índia e vive com ele até o final de sua vida. Ao longo do texto, há sugestões de que Manuela sabe do trânsito de gênero, no entanto, essa situação só é tratada abertamente nos capítulos dez e treze. No décimo, o suspense sobre essa história ainda é mantido, uma vez que Baltasar, diante do “carinho maternal” de Manuela, confessa a sua história à amiga, mas o leitor não tem acesso ao teor dessa confissão. No capítulo treze, o narrador descreve aos leitores o teor da conversa entre Manuela e Baltasar, no entanto, a história do trânsito de gênero já é conhecida pelo leitor, uma vez que Baltasar é ferido em combate e Arrais de Melo cuida de sua convalescência. Assim, ao retomar a confissão de Baltasar a Manuela, o narrador, em diálogo com parte da tradição histórica brasileira (MACEDO, 1876; RIO BRANCO, 1891), não só passa a tratar o soldado no feminino, como também sugere (novamente) que a motivação inicial para o trânsito e para ir à guerra foi um “grande sofrimento” amoroso.

Diante da confissão de Baltasar, visto agora exclusivamente como Maria Úrsula, tanto pelo narrador quanto pela amiga, Manuela diz que sempre foi uma cúmplice silenciosa, não só porque sempre admirou o seu “ânimo varonil”, mas principalmente porque sentia muito orgulho em ver uma “mulher” dar lições de coragem aos homens, “que tanto se orgulham de sua bravura e tanto se riem da nossa fraqueza” (BARROSO, 1940, p. 114). Assim, ao mesmo tempo em que se instaura uma normalização de Baltasar a partir da cisgeneridade, e que se revela uma rede de proteção silenciosamente tecida por Manuela, cria-se também uma cumplicidade entre as personagens que desafia as normatividades de gênero. Afinal, mesmo Baltasar sendo entendido exclusivamente como mulher, não há soldado, como afirma Manuela, mais valente do que Maria Úrsula.

Assim como acontece com a maior parte das donzelas-guerreiras, o trânsito de gênero é narrado ao leitor através do ferimento e a consequente convalescência de Baltasar. Por sugestão de Manuela, que vê na expedição de caça ao tigre do Mandovi a possibilidade de aproximar Baltasar e Afonso,

o soldado se alista na expedição comandada por Arrais de Melo, que busca localizar e matar um tigre que vem amedrontando a população local. Nessa viagem pelo campo, há um clima de companheirismo, de cumplicidade, mas também de grande sedução entre os dois militares. Aliás, desde o primeiro encontro, quando Baltasar resgata Afonso de ser executado, há forte tensão erótica entre eles. Afinal, neste primeiro encontro, não só ambos se impressionam com a beleza um do outro, mas também sentem calafrios ao se tocarem (BARROSO, 1940, pp. 74-78).

Baltasar, da mesma forma como na tomada de Amboino (BARROSO, 1940, p. 86), na defesa do galeão S. Rafael (BARROSO, 1940, p. 29) e no resgate de Arrais de Melo (BARROSO, 1940, p. 74), é o primeiro a atacar. No entanto, recebe uma patada do tigre que o deixa gravemente ferido no ombro direito (BARROSO, 1940, p. 101). Na convalescência, Baltasar, por várias vezes, impede que lhe rasguem o casaco para que seja avaliado e tratado o ferimento. Por isso, somente quando o companheiro desmaia é que Afonso consegue, após dispensar os outros soldados, cuidar sozinho de Baltasar. É curioso esse momento da narrativa porque Arrais de Melo começa a falar sozinho, como se estivesse justificando ao leitor que o desnudamento daquele corpo visava apenas o cuidado. Assim, ao mesmo tempo em que se justifica a falta de consentimento de Baltasar, tenta-se afastar também o desejo erótico entre os dois homens. Por fim, depois de todo o cuidado, Afonso usa suas roupas para vestir Baltasar, e decide “guardar segredo” sobre o soldado (BARROSO, 1940, p. 111).

Na noite seguinte, percebendo pela camisa que usava que o seu segredo já era conhecido por Afonso, Baltasar narra a sua vida e fala de seu trânsito de gênero para o capitão. Arrais de Melo, então, pergunta porque ele se alistou para a expedição, ao que Baltasar responde que tinha se alistado porque o amava. O capitão rapidamente passa a enxergar no soldado convalescente apenas a mulher amada, e aquilo que era entendido como desejo homoerótico, passa a ser narrado como desejo erótico heterossexual. Assim sendo, a ordem de gênero é não só de algum modo restabelecida, uma vez que a personagem se anuncia como uma mulher, mas é também reforçada, apesar das dissonâncias, uma vez que Maria Úrsula promete a Afonso submissão, não como soldado, mas como mulher, como podemos ver no trecho abaixo.

– Amar, Afonso, é uma cousa. Amar como eu sei amar, outra bem diversa. A par da coragem dum homem, Deus me favoreceu com um terno coração de mulher capaz de todos os sacrifícios pelo ente querido. Sinto que êste amor me ligará a ti de tal maneira que nada nos poderá separar e que um sem o outro não poderemos viver. Serei para o senhor da minha

afeição como um cão fiel. Não me enganes nunca, porque já sofri muito e o segundo golpe me faria morrer ou tornar-me um verdadeiro monstro. Ninguém mais livre do que eu. Entretanto, ninguém sabe se escravizar mais espontânea e completamente. Creio que te conheço hoje melhor do que ninguém e o coração me diz que melhor do que tu mesmo. Confio em ti, certa de que me compreenderás e me amarás com toda a tua alma, como eu mereço. Eu, o guerreiro de Amboino e das ilhas do Bounsuló, serei de barro nas tuas mãos. De barro, acredita! para que me moldes ao teu feitio... (BARROSO, 1940, p. 118-119).

Ainda sobre o gênero, precisamos dizer, que exceto por Manuela, nenhuma outra personagem desconfia ou duvida de sua masculinidade. Ao contrário, Baltasar é uma figura desejada pelas mulheres não só por seu aspecto de adolescente, mas também pela sua força e bravura. No que se refere à sua sexualidade, ainda que seja questionado sobre a falta de envolvimento com mulheres, Baltasar é compreendido como um novo D. Sebastião (BARROSO, 1940, p. 47 e 75), o que parece sugerir que se trata de alguém belo, desejado, mas celibatário⁶. Nesse mesmo sentido, como se o narrador estivesse justificando que a “transgressão” de gênero não implicaria uma transgressão sexual, Baltasar também sente grande pudor diante da nudez masculina, ao contrário de seus companheiros que comentam com galhofa a nudez de pessoas negras africanas (BARROSO, 1940, p. 64). Vejamos um trecho que narra a vida exemplar de Baltasar:

Suas folgas passavam-se em repouso ou diversões convenientes. Ninguém de melhor procedimento. Não jogava. Não bebia. Não fumava tabaco ou banguê entorpecente. Não frequentava as bailadeiras impudicas que se prostituem à porta dos templos. Si não ficava em casa a chalrear com a caseira e o ancião, ia pescar ao longo do rio, nos tanques dos arrecifes que bordavam a Aguada, caçar argalas e patos bravos nos juncais, ouvir sermões e novenas à paróquia de S. Tomaz ou à freguesia de S. Pedro, e assistir o brinco dos palhaços bengalis no terreiro do pelourinho (BARROSO, 1940, p. 77).

Podemos dizer, então, que o trânsito de gênero é tolerado tanto pela excepcional capacidade guerreira da personagem, quanto por sua luta pela pátria (portuguesa). No entanto, a descrição de sua vida de modo tão exemplar cumpre no romance uma outra função, que é a comparação com outra “donzela-guerreira”, o espanhol Alonso Díaz de Guzmán/Catalina de Erauso. Nesse sentido, não só Maria Úrsula era uma “heroína autêntica” como

⁶ Sobre D. Sebastião como uma figura bela, desejada, mas celibatário ler Hermann (2012).

a “famigerada D. Catarina de Erauso, a monja alferes de que se orgulhava a Espanha”, como também seria mais bonita, virgem, honesta e de “muito bom procedimento”, como podemos ver em:

Portugal tinha agora, graças à brasileira, rosnava o duque de Lagões para o marquês de Valença, na sala do Conselho do Estado, [...] Portugal tinha agora sua heroína autêntica para contrapor à famigerada D. Catarina de Erauso, a monja alferes de que se orgulhava a Espanha.

– Com uma grande diferença para melhor, adiantou o valido de Sua Majestade. Ouço dizer por todos que a brasileira teve sempre muito bom procedimento e que só descobriu seu sexo para casar-se honestamente, que nunca bebeu, nem jogou, nem se deu a outras irregularidades, enquanto que a espanhola, pelo que me contam, tinha todos os vícios e defeitos, admirando-se mesmo alguns eclesiásticos que Sua Santidade o Papa lhe tenha permitido continuar no uso dos trajes de homem e da espada. Mais merece a nossa, que não chegou a alferes e somente a cabo, pois além de tudo é bela. A espanhola, segundo informaram El-Rei era um estupor (BARROSO, 1940, p. 123).

Sobrepôr Baltasar a Alonso, Maria Úrsula a Catalina, é, portanto, uma forma de sobrepôr Portugal à Espanha. Enquanto é uma verdade histórica que Alonso Díaz de Guzmán/Catalina de Erauso não só foi recebido pelo rei Felipe IV, que lhe garantiu uma pensão vitalícia, como também pelo papa Urbano VIII, que lhe permitiu continuar vivendo como homem (MAIA, 2013, p. 4), no que se refere a Baltasar/Maria Úrsula, como aponta o trecho anterior, não há relatos históricos de qualquer encontro entre o Papa e o soldado brasileiro, no entanto, sabemos que o rei D. João V lhe concedeu uma pensão, além da mercê do Paço de Pangim por seis anos. Apesar disso, não há informações históricas que confirmem a permissão do rei de Portugal para a personagem seguir usando trajes varonis e espada, como aparece no romance (BARROSO, 1940, p. 122).

Seguindo alguns relatos históricos, especialmente os brasileiros, o romance de Barroso, portanto, não só sugere a manutenção dos trajes varonis, apesar do casamento com Arrais de Melo (BARROSO, 1940, p. 122), como também sugere que a personagem morreu cercada de grande popularidade não só na Índia Portuguesa, mas também em todo o império colonial português (BARROSO, 1940, p. 122). Além disso, assim como Macedo (1876) e Rio Branco (1891), ao longo da narrativa, há vários momentos que sugerem que a causa primeira para deixar a casa paterna e viver como soldado teria sido uma grande desilusão amorosa e um casamento forçado. Isto é confirmado, ao

final do romance, através da “confissão” de Baltasar/Maria Ursula a Manuela, como podemos ver neste trecho:

– Nesse tempo, eu amava loucamente o meu primo José Estevam e por isso mais me doeu têrem disposto de mim como de qualquer mercadoria. Senti mais o mal que pensava lhe iriam causar do que o que me pretendiam fazer. Amava-o com todas as ilusões da adolescencia e com todo o ardor do meu temperamento bravio. Era um belo rapaz de vinte e dois anos, trigueiro, forte, criado como eu na vida livre do sertão brasileiro, um pouco frio talvez em relação a mim. Conteí-lhe o que desejavam praticar e pedi-lhe para fugirmos juntos. Iriamos para bem longe, para as lavras do Tijuco, para os garimpos de Goiás, para os confins da Vacaria, fôsse para onde fôsse, um com o outro, contanto que não nos pudessem encontrar. Pediu-me dois dias para arrumar as suas cousas e nunca mais me apareceu. Soube depois que dera parte de meus projectos ao comendador em troca de boa paga, com a qual fôra estabelecer-se e casar-se em Taubaté. Meu pai teve o gôsto de me dar todos os pormenores da traição. Ouvi-o calada, mordendo os labios, o odio a referver no intimo contra o miseravel que amara!... (BARROSO, 1940, p. 116).

Isto posto, podemos dizer que o romance de Barroso (1932), de forma geral, valoriza os feitos militares de Baltasar, não só por destacar que ele é sempre um dos primeiros soldados nas ações de combate (BARROSO, 1940, p. 86); afirma o reconhecimento público da personagem, para além do espaço da Índia portuguesa (BARROSO, 1940, p. 122); afirma a mulheridade e o casamento, ainda que aponte para a manutenção dos trajes varonis com aprovação real (BARROSO, 1940, p. 122); justifica e valoriza a vida de Baltasar/Maria Úrsula, a partir da vida de Alonso/Catalina (BARROSO, 1940, p. 123); afirma a desilusão amorosa como causa primeira para as decisões da personagem, apesar de sugerir que Baltasar/Maria Úrsula tem um ânimo varonil (BARROSO, 1940, p. 114); e apesar de não trazer informações biográficas sobre Arrais de Melo, descreve o primeiro encontro com Baltasar com alta tensão homoerótica (BARROSO, 1940, p. 76-78).

3 A revista em quadinhos *A Senhora de Pangim*

A Senhora de Pangim: romance histórico de Gustavo Barroso foi publicado em janeiro de 1956, em edição extra da revista em quadinhos mensal *Edição Maravilhosa*, n.116, com desenhos de Gutenberg Monteiro e textos de Gustavo Barroso. De acordo com as informações da contracapa, as revistas publicadas pela editora Brasil-América visavam não só extasiar os leitores

com a história do Brasil, mas também moralizar as histórias em quadrinhos. Nesse sentido, a informação “Para Adultos”, que consta na capa, procura manter as “transgressões” de gênero da personagem distante de crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que destaca para os adultos o caráter “controverso” deste romance histórico em quadrinhos.

Figura 1. Capa da Edição Maravilhosa, n. 116.



Fonte: Barroso, Monteiro (1956).

A capa, como podemos ver acima, recria uma cena, presente em quase todas as narrativas históricas, a tomada de um forte, provavelmente o de Amboino. Nesta, não só podemos ver Baltasar entrando sozinho e à frente de todos na fortaleza, empunhando uma espada e uma bandeira portuguesa, como também podemos ver ao fundo da imagem um oficial, cujas roupas indicam pertencer à alta patente do exército português, que parece comandar a ação e também celebrar a entrada de Baltasar no forte. Entre o capitão que

Sobre a relação entre texto escrito e texto visual, podemos dizer que há um uso excessivo de palavras, uma vez que não só quase todos os quadros possuem longos textos, como há também quadros que dispensam completamente o uso de imagens. Ademais, os desenhos em sua grande maioria servem unicamente para materializar o que está descrito no texto, normalmente sem trazer qualquer informação nova à narrativa. Nesse sentido, podemos dizer que o texto escrito por Barroso, copiado quase integralmente de seu livro homônimo, não só se sobrepõe às imagens de Monteiro, como também as tornam muitas vezes dispensáveis.

Há no romance um jogo dúbio sobre o trânsito de gênero que também se repete nos quadrinhos. Nesse sentido, enquanto no romance há uma constante sugestão, através do canto do jovem soldado, de que há algo de feminino em Baltasar, nos quadrinhos essa sugestão é simplesmente suprimida do texto. No entanto, enquanto no romance há pequenos trechos que apenas sugerem ser o trânsito conhecida por Manuela, nos quadrinhos esse possível conhecimento é explicitado pelo texto. Dessa forma, ainda que o trânsito de gênero da personagem seja desconhecido, as duas narrativas fornecem, ao longo da obra, elementos para que o leitor não seja surpreendido, ao final do texto, pela “confissão” de Baltasar.

Assim como a maior parte das narrativas sobre “donzelas-guerreiras”, apesar dos temores e das reações violentas de Baltasar em relação ao não reconhecimento de sua masculinidade (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 34-35), o trânsito de gênero não só é desconhecido, como a masculinidade de Baltasar é reafirmada pela maior parte das personagens. Nesse sentido, o desejo que o soldado provoca, por sua força e beleza, em mulheres, é também parte do reconhecimento público de sua masculinidade, e, nem mesmo a negativa diante do assédio feminino é entendida como falta de masculinidade, uma vez que, como já dissemos, é equiparado ao mítico D. Sebastião, o que significaria ser belo e forte, mas também celibatário (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 20).

A “confissão” de Baltasar e a publicização do trânsito de gênero, assim como no romance, são pontos importantes da narrativa em quadrinhos. Talvez, por isso, essa experiência não seja narrada uma única vez, mas, ao contrário, por três vezes Baltasar foi levado a “confessar” ou se tentou “confessar” por ele. Na primeira dessas cenas, o capitão Nuno de Mascarenhas, à beira da morte, na travessia entre Brasil e Portugal, tenta contar ao guardião Vasco de Brito “o grave segredo” de Baltasar. No entanto, como também acontece no romance, para alegria do pajem, o capitão morre enquanto tenta confessar a história, o que assegura a manutenção do segredo e permite a Baltasar viver

em Portugal e na Índia como soldado (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 15-16).

Esse “segredo” também organiza as relações entre Baltasar e Manuela, mas a situação só é verbalizada no desfecho da narrativa, quando um quadro sem desenhos explica o teor da “confissão” de Baltasar. Neste, o soldado não só afirma que é uma mulher, como também afirma que um amor mal resolvido, e a imposição de um casamento sem amor, algo que já vinha sendo sugerido ao longo dos quadrinhos, são as causas para a fuga da casa paterna e para a vida como homem e soldado (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 44). O trânsito de gênero, no entanto, já era conhecido pelo leitor, uma vez que Baltasar é mortalmente ferido no combate ao tigre do Mandovi, e Arrais de Melo, durante a sua convalescência, o desnuda para cuidar de seus ferimentos.

Assim como no romance, Baltasar ao ser ferido impede que lhe rasguem o casaco para que seja avaliado e tratado o ferimento. Por isso, somente quando desmaia é que Afonso consegue, após dispensar os outros soldados, cuidar sozinho de Baltasar. Depois de todo o tratamento, Afonso usa suas roupas para vestir o amigo, e decide “guardar segredo”. No dia seguinte, Baltasar, ao imaginar que seu “segredo” já era conhecido, narra a sua vida e “confessa” o trânsito de gênero para o capitão. Arrais de Melo, então, pergunta porque ele se alistou para a expedição, ao que Baltasar/Maria Úrsula responde que havia se alistado porque o amava. O capitão, a partir de então, passa a enxergar o soldado convalescente apenas e somente como a mulher amada, e logo os dois se beijam (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 44-45).

Com o casamento de Baltasar/Maria Úrsula e Arrais de Melo, a ordem de gênero é reestabelecida, e assim como um amor mal resolvido foi a causa para o trânsito e para ir à guerra, um novo amor, agora bem resolvido, torna-se também a causa para o novo trânsito de gênero e para o fim de sua vida como soldado, uma vez que a personagem não só passa a se afirmar como mulher, como também passa a ser reconhecida como tal. A partir desse momento, Baltasar/Maria Úrsula passa a se submeter não só a Arrais de Melo, mas à ordem de gênero. Nesse sentido, por exemplo, quando recebe a pensão e a mercê do Paço de Pangim do rei D. João V, não é Baltasar/Maria Úrsula que agradece e fala publicamente, mas é Arrais de Melo que fala em seu nome, ainda que esteja ao seu lado (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 47). Além disso, mesmo sendo autorizada a seguir usando traje varonil e espada, Baltasar/Maria Úrsula é, talvez no único momento em que a imagem se recusa a ser mera transcrição gráfica do texto, desenhada trajando vestido (BARROSO; MONTEIRO, 1956, p. 48).

Nesse sentido, podemos dizer que o trânsito de gênero da personagem é tolerado tanto pela excepcional capacidade guerreira e pela luta pela pátria, quanto pelo “retorno” a uma feminilidade submissa à ordem de gênero. De forma geral, portanto, os quadrinhos de Barroso e Monteiro (1956), assim como o romance de Barroso (1932), valorizam os feitos militares de Baltasar, destacando sempre que ele é um dos primeiros soldados nas ações de combate; afirma o reconhecimento público da personagem, sugerindo que viveu após dar baixa como soldado cercado de glória e reconhecimento de seus contemporâneos; afirma a mulheridade e o casamento, ainda que reconheça a vida como homem; aponta para a permissão da manutenção dos trajes varonis e da espada com aprovação real, ainda que a personagem seja desenhada trajando vestido; justifica e valoriza a vida de Baltasar/Maria Úrsula através da vida de Alonso/Catalina; e afirma a desilusão amorosa como a causa primeira para as decisões da personagem.

4 Considerações finais

Como vimos, ao contrário da historiografia portuguesa sobre Baltasar/Maria Úrsula, a historiografia brasileira propõe explicações para o trânsito de gênero e para a vida como soldado. Nesse sentido, ao longo do tempo, pudemos perceber que há cada vez mais uma afirmação da mulheridade e uma negação do trânsito de gênero, o que leva mais recentemente a uma leitura se não patologizante pelo menos psiquiatrizante da personagem. Nesse mesmo sentido, nem mesmo a leitura a partir da chave da “donzela-guerreira” modifica a percepção sobre a impossibilidade do trânsito de gênero. Assim, podemos dizer que os textos históricos não negam que a personagem tenha vivido como soldado, mas negam que essa vida como soldado, apesar de longa, possa ser entendida para além da ideia de “disfarce”, o que sugere que os relatos históricos brasileiros entendem hegemonicamente Baltasar/Maria Úrsula como uma “mulher guerreira”.

No que se refere ao romance e à revista em quadrinhos, e ao trânsito de gênero e à vida como soldado, podemos dizer que as principais referências históricas são os textos de Macedo (1876) e Rio Branco (1891) que, apesar de não emitir juízo de valor sobre as decisões da personagem como faz Teixeira de Mello (1881), reafirma o amor como causa tanto para o primeiro trânsito de gênero e para a vida como soldado, como causa para o segundo trânsito de gênero e a vida como esposa. Nesse sentido, prevalece uma perspectiva romântica e melodramática, de origem histórica, sobre a personagem. No entanto, ainda que prevaleça uma visão normativa sobre gênero e trânsito de gênero, podemos dizer que há um jogo dúbio nas narrativas literárias, feito

de suspenses, ocultamentos, segredos e confissões, que pode facilitar uma leitura contra às normatividades do próprio texto.

Por fim, podemos dizer também que o imaginário literário brasileiro é criado exclusivamente a partir das obras de Barroso (1932) e de Barroso e Gutenberg (1956), uma vez que não há outros textos literários em português que narrem a vida de Baltasar/Maria Úrsula. Nesse sentido, diferentemente dos textos históricos, ambos reafirmam o lugar da personagem como uma “donzela-guerreira”, uma vez que entende o trânsito como uma prática circunstancial relativa à guerra. No entanto, apesar de reconhecer a vida como homem e soldado, os textos entendem o trânsito não como uma possibilidade de reconhecimento de si, mas como uma circunstância que não nega a mulheridade da personagem.

Referências

- BARROSO, G. **A Senhora de Pangim**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.
- BARROSO, G. **A Senhora de Pangim**. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940.
- BARROSO, G. Amboino: o noticiário da guerra. **A Manhã**. Rio de Janeiro, n. 173, p. 4, 1942.
- BARROSO, G. A mulher na história. **A Cigarra**, n. 173, pp. 108-109, 1948.
- BARROSO, G. Uma heroína brasileira na Índia. **O Cruzeiro**, n. 7, pp. 32, 36, 54, 1949.
- BARROSO, G., MONTEIRO, G. **A Senhora de Pangim: romance histórico de Gustavo Barroso**. Edição Maravilhosa Extra, n. 116, jan. 1956.
- BARROSO, G. O governo feminino numa capitania brasileira. **O Cruzeiro**, n. 34, p. 77, 1958.
- BRAZILEIRA notavel. **Monitor Campista**. Rio de Janeiro, n. 104, p. 2, 1879.
- BRAZILEIRA notavel. **O Monitor**. Salvador, n. 54, p. 1, 1879.
- COSTA, L. M. F. Relações intelectuais assimétricas: a “polêmica” histórica entre Alfredo Pimenta e Gustavo Barroso. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 115-130, 2016.
- D. MARIA Ursula D’Abreu e Alencastro. **Ostensor Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 04, p. 50, 1845.

D. MARIA Ursula D'Abreu e Alencastro. **A Luz: publicação semanal**. Rio de Janeiro, n. 01, p. 106, 1872.

D. MARIA Ursula D'Abreu e Lencastro. **Correio da Bahia**. Salvador, n. 131, p. 01, 1877.

FROES PERIM, D. **Theatro Heroino, Abcedario das Mulheres Ilustres em Armas, Letras, Acçoes heroicas, e artes liberaes**. Tomo II. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1740.

GALVÃO, W. **A donzela-guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo: Senac, 1998.

GAZETA DE LISBOA. Lisboa, n. 12, 24 de março 1718, p. 96, 1718.

HERMANN, J. **D. Sebastião, sebastianismo e “memória sebástica”: as invasões francesas e os impasses da história portuguesa**. In HERMANN, Jacqueline; AZEVEDO, Francisca; CATROGA, Fernando (Org.). *Memória, escrita da história e cultura política no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

HEROINAS Brasileiras. **O Apostolo: periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religião e da sociedade**. Rio de Janeiro, n. 77, p. 3, 1883.

MACEDO, J. M. **Anno Biographico Brasileiro**. Terceiro Volume. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial, 1876.

MAIA, H. T. **Retratos da sexualidade: Uma Análise das Obras ‘La Monja Alférez’ de Juan Pérez de Montalbán e ‘Historia de la Monja Alférez, Catalina de Erauso, escrita por ella misma’ de Catalina de Erauso**. *Revista Feminismos*, vol. 1, n.º 3, p. 72-87, 2013.

MAIA, H. T. **Transgressões Canônicas: Queerizando a Donzela-Guerreira**. *Cadernos de literatura comparada*, n. 39, p. 91-108, 2018.

MAIA, H. T. **Baltasar do Couto Cardoso: transgeneridades guerreiras no império colonial português**. *Revista Letras & Letras*, v. 38, p. 1-29, 2022.

MEIRELES, C. Caminho de Goa. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, n. 9964, pp. 1 e 4, 1955.

MEIRELES, C. Caminho de Goa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 de julho, 1955.

OLIVEIRA, V. **Figurações da donzela-guerreira: Luzia-Homem e Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Annablume, 2005.

- PIMENTA, A. **A Senhora de Pangim**. Coimbra: Coimbra Editora, 1942.
- PIZARRO E ARAUJO, J. S. A. **Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das Provincias Annexas à Jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil**. Tomo VII. Rio de Janeiro: Typografia de Silva Porto, 1822.
- RIO BRANCO, B. **Ephemerides Brasileiras**. Jornal do Brasil, n. 146, p. 2, 1891.
- ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SABINO, I. **Mulheres Illustres do Brazil**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.
- SOUZA SILVA, J. N. D. **Maria Ursula de Abreu Lencastre**. Revista Trimensal de História e Geografia. Rio de Janeiro: Typographia de D. L. dos Santos, 1841.
- SOUZA SILVA, J. N. D. Maria Ursula de Abreu Lencastre. **Ostentor Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 49, p. 387-388, 1845.
- SOUZA SILVA, J. N. D. Maria Ursula de Abreu Lencastre. **Correio da Victoria**. Espírito Santo, n. 22, p. 3-4, 1854.
- SOUZA SILVA, J. N. **Dona Maria Ursula de Abreu Lencastre**. Revista Popular. Anno 1 - Tomo 1. Rio de Janeiro: Garnier, 1859.
- SOUZA SILVA, J. N. **Brasileiras Célebres**. Rio de Janeiro: Garnier, 1862.
- TEIXEIRA DE MELLO, J. A. **Ephemerides Nacionaes**. Tomo Segundo (Julho-Dezembro). Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Noticias, 1881.
- UMA Heroína Brasileira. **O Jornal**. Rio de Janeiro, n. 4697, p. 20, 1935.
- UMA mulher-soldado. **O Paiz**. Rio de Janeiro, n. 11839, p. 5, 1917.
- UMA mulher-soldado. **Jornal do Recife**. Recife, n. 57, p. 1, 1928.

Recebido em dezembro de 2022

Aprovado em março de 2024